Dia 16 — Santo Abraão, Solitário

Santo Abraão, não menos ilustre por sua grande inocência que por sua eminente virtude, nasceu ao mundo pelo fim do quarto século. A estreita amizade que o uniu com Santo Efrém, que nos deixou escrita sua vida, persuade verossimilmente que os dois santos viveram num mesmo país, isto é, nas cercanias de Edessa, capital da Osroene, na Mesopotâmia.

Teve por pais pessoas muito ricas, que o amavam ternissimamente, mas que só pensavam em adiantá-lo no mundo. Não obstante, a terna piedade de nosso santo e os religiosíssimos sentimentos de devoção que nele se notaram desde sua primeira juventude dão a entender que foi muito cristã sua educação. Ignorava até a sombra do vício; e toda a sua inclinação era ao retiro, à oração e aos exercícios devotos. Embora se alegrassem muito seus pais de vê-lo tão bom cristão, temiam por isso mesmo que se desgostasse do mundo e, com este receio, deram-se pressa em casá-lo, vendo-se precisado o santo moço, não obstante sua repugnância ao matrimônio, a desposar-se com uma donzelinha alguns anos antes que tivesse idade para casar-se com ela.

Chegado o tempo competente para poder celebrar-se o matrimônio, por mais instâncias que fez a seus pais para que o livrassem daqueles laços, foi preciso ceder a sua autoridade. Casou-se enfim, e celebraram-se as bodas com o maior aparato; mas aquela mesma noite, logo que todos se retiraram, impelido de um ardentíssimo desejo de que só Deus fosse o único dono de seu coração e fortalecido com especial graça do céu, deixou sua esposa sem falar-lhe palavra e, saindo secretamente de casa, não pensando mais que em esconder-se da vista de seus pais, foi encerrar-se numa gruta que distava três quartos de légua do lugar, com resolução de passar ali, se lhe fosse possível, os dias de sua vida, quieto, sossegado e desconhecido.

Esta repentina e nunca esperada fuga surpreendeu e afligiu sobremaneira seus pais e parentes. Despacharam-se logo próprios a todas as partes para adquirir alguma notícia dele; finalmente, ao cabo de dezessete dias, vieram encontrá-lo em sua cova, com não pouca admiração de uns e de outros. O pai, a mãe, a esposa e todos os parentes, desfazendo-se em lágrimas, puseram em prática todos os meios que lhes sugeriu a ternura para retirá-lo daquela solidão; razões, rogos, carícias, ameaças, prantos, de tudo se valeram para fazê-lo mudar de resolução; mas o servo de Deus, imóvel sempre a tão violentos assaltos, falou-lhes com tanta eficácia, com tanta energia da vaidade do mundo, da desditosa sorte dos mundanos e da felicidade da vida solitária que por fim persuadiu sua esposa a que consentisse numa perpétua separação e desarmou a ternura de seus pais, que, vencidos de suas razões e movidos de tão grande exemplo, se renderam a seus desejos. A única graça que lhes pediu foi que não voltassem a interrompê-lo mais com suas visitas; e eles lho prometeram, temerosos de que não fosse sepultar-se em algum outro deserto mais retirado. Mal se apartaram dele, encerrou-se em sua celinha, tapou a porta e somente deixou uma janelinha

por onde lhe alcançavam a comida em certos dias determinados.

Um princípio tão heroico prometia uma santidade eminente, a que chegou em muito pouco tempo. Não tinha mais que vinte anos quando se retirou à solidão, na qual perseverou até a morte, isto é, até que completou os setenta. Foi assombrosa sua penitência; desde o primeiro dia proibiu-se o uso do pão e durou seu jejum enquanto lhe durou a vida. Não interrompia a oração pelo trabalho nem mesmo pelo sono, pois passava quase toda a noite orando ou cantando salmos.

Enterrado em sua celinha como numa sepultura, passou cinquenta anos numa extremada pobreza. Tudo quanto possuía na terra se reduzia a uma túnica de pelo de cabra, a um manto, a uma escudela de madeira que lhe servia para beber e para comer e a uma esteirinha de juncos para deitar-se.

Aos doze anos deste gênero de vida morreram seus pais e deixaram-no herdeiro de uma rica sucessão; mas ele encarregou a um amigo seu que vendesse todos os seus bens e os repartisse entre os pobres.

Livre já deste derradeiro laço por este novo sacrifício, não se ocupava mais que só em seu Deus; e, acorde sempre sua memória e seu entendimento com seu coração, perdeu até a ideia deste mundo transitório. Cada dia o olhava como se fosse o de sua morte; e passou todos os de sua dilatada vida sem afrouxar um ponto nos rigores da penitência.

Em meio de uma vida tão penitente e tão austera, conservava sempre um semblante aprazível, um ar risonho e um agrado tal que a todos enamorava. Na conservação de seu vestido intervinha ao parecer uma espécie de milagre; parecia também que a graça suprisse a falta de alimento.

Não podia estar muito tempo escondida uma luz tão resplandecente. Divulgada por todas as partes a fama de sua virtude, quis o Senhor valer-se dela para sua glória.

A distância de algumas léguas da gruta de nosso santo havia uma povoação bastantemente numerosa, cujos habitantes eram todos pagãos, mas tão encaprichados em suas superstições que todas quantas diligências haviam feito muitas pessoas zelosas para tirá-los de seu erro só haviam servido para obstiná-los mais e mais. Refletindo um dia o bispo de Edessa sobre o eminente grau de santidade a que havia chegado o solitário Abraão, pareceu-lhe que, se este santo homem tomava por sua conta a conversão daquele povo, o Senhor lançaria a bênção a seu zelo. Todos aplaudiram o pensamento do bispo, e ele determinou-se a ordená-lo de sacerdote antes de encomendar-lhe aquela missão. Foi buscá-lo em sua celinha, acompanhado dos principais do clero, e mandou-lhe que se dispusesse para receber a ordem de presbítero.

Ficou atônito o servo de Deus ao ouvir semelhante proposição. Não podia crer que quisesse o Senhor elevar a uma dignidade tão sublime o mais vil e o mais indigno de todos os mortais, segundo ele se reputava; mas foram inúteis todos quantos esforços fez sua humildade para resistir, porque por fim lhe foi preciso obedecer. Depois de haver recebido as primeiras ordens sagradas, foi ordenado de sacerdote; e, tendo recebido a missão, partiu para aquele povo a trabalhar na vinha do Senhor.

Foi recebido com tanta incivilidade e com tanto desprezo que isto só bastaria para acovardar e até para fazer retirar-se a qualquer outro que tivesse menos zelo ou menos desejo de padecer por Jesus Cristo. Acudiu nosso santo à oração e aumentou as penitências. Tendo notícia de que ainda havia ficado alguma porção de dinheiro de seu patrimônio que seu amigo não havia distribuído, escreveu-lhe que lho enviasse e comprou com ele um sítio onde edificou uma igreja ricamente adornada. Vinham muitos gentios vê-la, atraídos da curiosidade; mas a aversão que tinham aos cristãos os impelia a fazer cada dia novos insultos a seu santo missionário. Acabada a igreja, passava nela os dias e as noites em contínua oração, pedindo ao Pai das misericórdias que se compadecesse daquele povo cego que havia resgatado com seu precioso sangue e que o demônio lhe havia usurpado depois de tantos séculos.

Até então havia passado muitas vezes por meio dos ídolos de que estava cheia toda a vila sem falar palavra, contentando-se com gemer e com lamentar na presença de Deus a cegueira daqueles pobres idólatras; mas, sentindo-se então inflamado com um novo zelo, movido do espírito de Deus e autorizado também com as leis do grande Constantino para a abolição do paganismo, que já se havia promulgado, sai da igreja, entra no templo dos gentios, arroja ao chão as estátuas dos ídolos, transtorna os altares e põe debaixo dos pés, pisando-os e atropelando-os, todos os troféus da superstição pagã. Enfurecido o povo, lança-se raivoso sobre ele e, moendo-o a golpes e a pauladas, arroja-o ignominiosamente da vila; mas ele teve forma de voltar imediatamente a ela e, metendo-se às escondidas em sua igreja, passou toda a noite em oração por aqueles pobres cegos. Ficaram pasmados quando pela manhã do dia seguinte o acharam em oração; e, querendo o santo valer-se desta ocasião para falar-lhes, eles, em lugar de dar-lhe ouvidos, bateram-lhe tão cruelmente que, vendo-o em termos de expirar, tiraram-no para fora do lugar arrastando-o pelos pés com uma corda e, carregando-o ali de pedras, tendo-o por morto, deixaram-no quase sem vida; mas o Senhor conservou-lha, porque queria servir-se dele para a salvação daquele povo. Logo que Abraão voltou a si, voltou também a entrar de noite na vila e a meter-se em sua igreja. Não se pode ponderar a admiração dos gentios quando pela manhã o encontraram cantando salmos em pé e com a maior serenidade: mais enfurecidos que nunca, voltaram a arrastá-lo e a lançá-lo fora com mais cruéis ultrajes.

Três anos inteiros durou esta alternativa de paciência e de maus-tratos, até que por fim se valeu a divina graça da doçura inalterável e da perseverança do santo para vencer a obstinação dos idólatras. Abriram finalmente os olhos e, em certa ocasião em que estavam todos juntos, começaram a manifestar-se uns aos outros a admiração que lhes causava a paciência e a caridade do servo de Deus. Convieram todos num mesmo pensamento; e, resolvendo ir buscá-lo para que os catequizasse, foram-se em tropa à igreja.

Mal lhes explicou o santo os mistérios da fé, desfazendo-se todos em lágrimas, pediram-lhe perdão do que o haviam maltratado e suplicaram-lhe que lhes administrasse o sacramento do batismo. Vendo-os suficientemente instruídos, batizou-os todos, até o número de mil pessoas. Deteve-se um ano inteiro com eles, cultivando com infinito cuidado aquela nova vinha do Senhor; e, vendo que estavam todos bem arraigados na fé, creu que as veementes ânsias que sentia sempre pela solidão eram inspiração de Deus que o chamava a ela; e, depois de haver encomendado ao Senhor aquele novo rebanho, fazendo três vezes o sinal da cruz sobre o lugar, escapou-se secretamente dele uma noite e foi esconder-se num deserto, onde não foi possível achá-lo por mais diligências

que se fizeram. Sabedor o bispo do que se passava, foi em pessoa consolar aquele aflito povo; e, tendo escolhido entre os novamente convertidos os mais capazes e os que mais se distinguiam por sua piedade, ordenou-os de diáconos e de leitores e encomendou-lhes o cuidado daquela florescente igreja. Sabendo-o Santo Abraão, saiu do deserto e voltou a encerrar-se em sua antiga celinha, onde perseverou até a morte, sem dispensar-se jamais na mais mínima de suas rigorosas penitências.

Invejoso e colérico o demônio à vista de tanta virtude e de tantas maravilhas, não houve artifício, não houve tentação, não houve malícia que não pusesse em execução para vencê-lo ou para atemorizá-lo. Umas vezes pretendia espantá-lo com horrorosos fantasmas, outras procurava enganá-lo com capciosos estratagemas ou ao menos fatigá-lo com a continuação e variedade de molestos artifícios; mas o servo de Deus, cheio de desconfiança de si mesmo e de confiança no Senhor, triunfou de todo o inferno e jamais se apartou um ponto de seu método ordinário. Mas, embora fosse tão grande o amor que professava à solidão, sabia deixá-la por algum tempo sempre que o pedia a caridade e o zelo da salvação das almas.

Tinha o santo uma sobrinha chamada Maria, que havia ficado órfã aos sete anos de sua idade. Não tendo querido encarregar-se dela seus parentes, levaram-na a Santo Abraão, o qual, tendo feito repartir entre os pobres os grandes bens que seus pais lhe haviam deixado, dispôs que a pusessem numa cela imediata à sua e ali, por uma janelinha, a instruía e lhe ensinava os salmos e outras orações. Fez tão grandes progressos, diz Santo Efrém, sob a disciplina de seu tio que foi perfeita imitadora de suas virtudes; mas o demônio, que não havia podido conseguir coisa alguma do santo tio, não achou a mesma resistência na sobrinha. Ao cabo de vinte anos deixou-se miseravelmente enganar por um falso monge que a havia visto pela janelinha e vinha muito amiúde visitar nosso santo. Este pecado a induziu a tal desesperação que, em lugar de descobri-lo a seu santo diretor e de apagá-lo com a confissão e com a penitência, fugiu da cela e, passando-se a uma cidade vizinha, precipitou-se nas mais torpes e mais escandalosas dissoluções.

Logo que o inimigo da salvação triunfou de sua presa, viu Santo Abraão em sonhos que um espantoso dragão estava engolindo uma inocente pombinha perto de sua cela. Crendo que isto significava alguma grande perseguição que ameaçava a Igreja, passou todo o dia seguinte em oração e em gemidos. A noite imediata voltou a representar-se-lhe em sonhos o mesmo dragão que, vindo a rebentar a seus pés, arrojava do ventre a mesma pombinha, mas ainda com vida. Não tardou muito em compreender o verdadeiro sentido da visão; porque, reparando que havia dois dias que não ouvia cantar a Maria os salmos que costumava e, tendo-a chamado inutilmente, conheceu que ela era a pomba que o dragão havia engolido. Não se podem explicar as lágrimas que derramou, as novas penitências que fez por espaço de dois anos para alcançar de Deus a conversão daquela pobre ovelha desgarrada.

Ao cabo deles, tendo notícia do lugar e do lastimoso estado em que se achava, disfarçou-se em traje de cavaleiro, montou a cavalo e foi apear-se em casa da cortesã. Mandou dispor uma grande ceia e, logo que se viu a sós com ela, deu-se a conhecer e falou-lhe com tanta doçura, mostrou-lhe tanto amor, assegurou-a com tanta eficácia da misericórdia de Deus e prometeu-lhe com tanta caridade fazer penitência e satisfazer à divina Justiça por ela que, coberta de confusão, penetrada da mais viva dor e movida de tão assombrosa caridade, arrojou-se ela a seus pés e somente lhe

respondeu com seus soluços e lágrimas.

Consolou-a e alentou-a o santo caritativamente e, tendo-lhe mandado deixar todo o dinheiro, alfaias e móveis que havia ganhado com suas culpas, fê-la montar a cavalo e, marchando Santo Abraão a pé, conduziu-a a sua primeira cela, onde, depois de haver-se reconciliado com Deus por meio de uma dolorosa confissão, passou o restante de seus dias em prantos e em gemidos, vivendo outros quinze anos no contínuo exercício de rigorosíssimas penitências; e quis o Senhor manifestar a santidade daquela ilustre arrependida com muitos milagres que operou tanto em vida como depois de sua morte.

Viveu Santo Abraão dez anos depois desta gloriosa conquista; ao cabo dos quais quis Deus premiar seus heroicos trabalhos depois de havê-lo feito célebre por uma grande multidão de prodígios. Cumulado de merecimentos, entregou seu bem-aventurado espírito nas mãos de seu Criador no dia 16 de março do ano de 376, perto dos setenta e cinco de sua idade, tendo passado mais de cinquenta no deserto.

São Juliano, Mártir

São Juliano, um dos ilustres mártires de Jesus Cristo, nasceu em Anazarbo, cidade da segunda província da Cilícia, filho de um senador gentio e de uma mãe cristã. Educado por esta na religião católica, fazia nela maravilhosos progressos no tempo em que os imperadores gentios suscitaram uma de suas cruéis perseguições contra a Igreja. Ofendidos os pagãos de sua profissão, e muito mais de que Juliano fizesse ostentação publicamente de sua fé, levaram-no a Egéia, cidade da mesma província, a apresentá-lo ao governador idólatra, que era um dos mais bárbaros perseguidores do cristianismo. Entrou o santo no combate com firme resolução de testificar sua fé à custa do sangue; e, tendo resistido com valor extraordinário as primeiras tentativas, cometeram os infiéis a temeridade de abrir-lhe à força a boca e introduzir nela pão e vinho dos oferecidos nos sacrifícios dos ídolos.

Propôs-se o governador provar a constância de Juliano com diferentes gêneros de suplícios; mas, não podendo vencê-lo com a violência dos muitos tormentos que lhe fez padecer, creu poder consegui-lo fazendo que estes males fossem contínuos e de muita duração. Com esta intenção perversa, fazia-o vir com muita frequência a seu tribunal e, afligindo-o com várias torturas, tornava a remetê-lo à prisão. Outras vezes suspendia a questão e valia-se das lisonjas e doçuras. Não satisfeito com semelhantes tentativas, nas quais continuou pelo discurso de um ano inteiro, ordenou conduzi-lo de povo em povo e de cidade em cidade por toda a província, a fim de expô-lo à irrisão e zombaria da populaça gentia; mas Juliano, sempre invencível, deu em todas as partes da carreira um admirável exemplo de sua constância; e por seu meio espalhou Deus nela o conhecimento de seu santo nome. Assim, não somente foi um ilustre confessor de Jesus Cristo, mas também um apóstolo, convertendo-se em honra sua e glória do Redentor o que seus inimigos discorreram para fazê-lo infame aos olhos dos homens. O só espetáculo de seu corpo coberto de feridas era um testemunho inegável de que nele operava a virtude divina, movendo de um modo mais vivo e mais eloquente que o órgão da voz ao conhecimento da religião revelada.

Depois desta dolorosa expedição, voltaram-no a Egéia, lugar da residência do juiz, a quem irritou tanto o desespero do nenhum fruto que produziu sua tentativa que mandou aos algozes que destroçassem o corpo do santo mártir com ganchos de ferro até descarnar seus ossos e que aparecessem suas entranhas. Executou-se assim; mas, sustentado Juliano com a graça daquele Senhor por quem padecia, não se lhe ouviu a mais mínima queixa nem suspiro, abrindo só a boca para louvar a Deus e confessar em alta voz seu santo nome. Enfim, não podendo o juiz resistir por mais tempo à confusão e vergonha de ver-se vencido, resolveu acabar a luta com a morte do santo; mas com um modo tão bárbaro e desumano como foi introduzi-lo num saco de areia com víboras e escorpiões e arrojá-lo ao mar depois de costurado.

Bem logo manifestou o Senhor a glória de seu servo; pois, transportado seu corpo à cidade de Antioquia por disposição divina, fez por sua intercessão muitos milagres, os quais se repetiam ainda no tempo de São João Crisóstomo, que se fez historiador e panegirista de seus triunfos numa elegantíssima Homilia. O mesmo santo assegura que, não podendo sustentar os demônios que atormentavam os possessos a presença de suas relíquias quando as levavam a seu túmulo, fugiam precipitadamente dos corpos que tiranizavam; e exalta estas relíquias a par das mais nobres que existiam em Jerusalém.

Martirológio Romano

Em Roma, a paixão de São Ciríaco, diácono, o qual, depois de sofrer longo tempo o rigor da prisão, foi banhado com piche derretido e, estendido no potro, deslocaram-lhe os membros e golpearam-no com paus; e por último, em companhia de Largo e Esmaragdo e de outros vinte, foi degolado por ordem de Maximiano. A festividade destes santos se celebra no dia 8 de agosto, em cujo dia, por disposição de São Marcelo, papa, foram recolhidos seus corpos e sepultados com grande veneração.

Em Aquileia, o trânsito de São Hilário, bispo, e de Fabiano, diácono, os quais, no tempo do imperador Numeriano e do presidente Berônio, depois de haver sofrido o potro e outros tormentos, foram martirizados juntamente com Félix, Largo e Dionísio.

Na Licaônia, São Papas, mártir, o qual, por confessar a fé de Cristo, foi açoitado e descarnado com unhas de ferro e, calçando-lhe sapatos semeados de pontas de ferro, com eles o faziam caminhar e, por último, atado a uma árvore, deu a alma ao Senhor; e, sendo a árvore estéril, deu fruto dali em diante.

Em Anazarbo, na Cilícia, São Juliano, mártir, o qual, tendo sido cruelmente atormentado no tempo do presidente Marciano, meteram-no num costal cheio de serpentes e lançaram-no ao mar.

Em Ravena, Santo Agapito, bispo e confessor.

Em Colônia, São Heriberto, bispo, ilustre em santidade.

Na Auvérnia, o trânsito de São Patrício, bispo.

Na Síria, Santo Abraão, ermitão, cujos memoráveis feitos escreveu Santo Efrém, diácono.

Missa (oração)

A missa é do comum de confessor não pontífice, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui nos beati Abrahæ confessoris tui annua solemnitate lætificas: concede propitius, ut cujus natalitia colimus, etiam actiones imitemur. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó Deus, que cada ano nos renovais a alegria por ocasião da festa do bem-aventurado Abraão, vosso confessor, dai-nos graça para que, celebrando a nova vida de que goza na glória, imitemos as ações que executou na terra. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 31 do livro do Eclesiástico (o original diz “Sabedoria”), a mesma do dia 4.

Eclesiástico 31,8-11

> **Latim:** 8 Beatus dives qui inventus est sine macula, et qui post aurum non abiit, nec speravit in pecunia et thesauris. 9 Quis est hic ? et laudabimus eum : fecit enim mirabilia in vita sua. 10 Qui probatus est in illo, et perfectus est, erit illi gloria æterna : qui potuit transgredi, et non est transgressus ; facere mala, et non fecit. 11 Ideo stabilita sunt bona illius in Domino, et eleemosynas illius enarrabit omnis ecclesia sanctorum.

Português: 8 Bem-aventurado o rico, que foi achado sem mancha e que se não deixou ir após o ouro, nem esperou no dinheiro, nem nos tesouros. 9 Quem é êste, e nós o louvaremos? Porque fêz coisas maravilhosas em sua vida. 10 Ao que foi provado no ouro, e se achou ser perfeito, isto lhe servirá de glória eterna: O que pôde transgredir a lei de Deus, e não a transgrediu: O que pôde fazer mal e não o fêz: 11 Por isso os seus bens foram assegurados no Senhor, e toda a igreja dos Santos celebrará as suas esmolas.

Nota

«O autor do livro de onde se tirou esta epístola imitou tão bem o sentencioso estilo do livro da Sabedoria de Salomão que a Igreja dá indiferentemente a um e a outro o mesmo nome. Que máximas mais nobres, mais cristãs, nem mais instrutivas que aquelas de que está cheio este capítulo trinta e um! Bem se conhece nelas que o Espírito Santo é o que reina em todos os livros canônicos da sagrada escritura.»

Reflexões

O desapego dos bens desta vida é tão raro como a inocência em meio da abundância. Tem razão o Sábio em contar um e outro no número das maiores maravilhas: *Quis est hic, et laudabimus eum? fecit enim mirabilia.* Ser rico e não colocar sua confiança, e até seu coração, nos tesouros; ser rico e pôr limites à ambição e à cobiça; ser rico e moderar os prazeres, mortificar os sentidos e viver com aquele desprendimento de coração, com aquela modéstia, com aquele exemplo que manda Jesus Cristo a todos os fiéis, é uma grande maravilha, tanto pela dificuldade da empresa como por ser coisa muito rara. Apesar disso, o Senhor assim o manda. A lei se conserva em todo o seu vigor; nenhum preceito se revogou até agora. Pois em que se funda essa altanaria inflada de orgulho, essa magnificência tão pouco conforme ao espírito de religião, essa suntuosidade de galas, de diversões, de comidas, essa delicadeza tão pouco cristã que parece privilégio da gente rica? Que mal fazem os pobres em chorar sua sorte e em ter inveja à sorte dos ricos! Se o Evangelho há de ser a regra dos costumes, se nos havemos de governar pelas regras do Evangelho, não há condição mais digna de lástima que a dos opulentos; ao menos nenhuma há que peça mais mortificação e onde haja mais que vencer-se. Dura parecerá esta filosofia a muitas pessoas; mas nem por isso deixará de ser a filosofia do Evangelho. Ninguém deveria ser mais modesto, mais humilde, mais mortificado que os ricos; porque não há estado mais perigoso que o seu no que toca à salvação. Tudo são laços, tudo tentação, tudo estorvos; o caminho da perdição é tão plano para o rico, o crime está tão disfarçado, tão aplaudido, tão lisonjeado que é muito dificultoso acautelar-se. Por outra parte, esta dificuldade não diminui a culpa; só aumenta a obrigação em que estão os ricos de fazer-se uma contínua violência. Ó meu Deus, que prova mais evidente de que se salvarão poucos ricos! Seu maior recurso consistirá na esmola; este é o único segredo que se lhes pode ensinar, digamo-lo assim, para sair do perigo. As mãos dos pobres são as únicas que os podem tirar de tantos riscos e guiá-los com segurança em meio de tantos precipícios. Que desgraça a sua, se não se valem destes auxílios e destes guias! *Beatus vir, qui inventus est sine macula, et qui post aurum non abiit*: bem-aventurado o rico que conservou a inocência e não se deixou levar das riquezas. Esta é uma das maiores provas: *Qui potuit transgredi, et non est transgressus; facere mala, et non fecit*: que facilmente pôde viver mal e viveu bem; fazer mil maldades e não as fez. Não é mister mais para obrigar o Senhor a cumulá-lo de prosperidade e de abundância: *Eleemosynas illius enarrabit omnis Ecclesia sanctorum*: em toda a Igreja de Deus se celebrarão suas esmolas, e se saberá que deve, digamo-lo assim, a continuação de benefícios e de graças a

sua liberalidade. Que desgraçados serão os ricos que, fazendo estas reflexões, não forem mais caritativos!

Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São Lucas, o mesmo do dia 1.

Lucas 12,35-40

> **Latim:** 35 Sint lumbi vestri præcincti, et lucernæ ardentes in manibus vestris, 36 et vos similes hominibus exspectantibus dominum suum quando revertatur a nuptiis : ut, cum venerit et pulsaverit, confestim aperiant ei. 37 Beati servi illi quos, cum venerit dominus, invenerit vigilantes : amen dico vobis, quod præcinget se, et faciet illos discumbere, et transiens ministrabit illis. 38 Et si venerit in secunda vigilia, et si in tertia vigilia venerit, et ita invenerit, beati sunt servi illi. 39 Hoc autem scitote, quoniam si sciret paterfamilias, qua hora fur veniret, vigilaret utique, et non sineret perfodi domum suam. 40 Et vos estote parati : quia qua hora non putatis, Filius hominis veniet.

Português: 35 Estejão cingidos os vossos lom- bos, e nas vossas mãos tóchas ac- cesas; 36 e sede vós-outros semelhantes aos homens, que esperão a seu senhor, ao voltar das vodas: para que, quando vier, a bater á porta, logo lha abrão. 37 Bemaventurados aquellos servos, a quem o senhor achar vigiando, quando vier: na verdade vos digo, que elle se cingirá, e os fará sentar á meza, e passando por entr'elles, os servirá. 38 E se vier na segunda vigilia, e se vier na terceira vigilia, e assim os achar, bemaventurados são os taes servos. 39 Mas sabei isto, que se o pai de familia soubesse a hora em que viria o ladrão, vigiaria sem dúvida, e não deixaria minar a sua casa. 40 Vós-outros pois estai apercebi- dos: porque á hora, que não cuidais, virá o Filho do homem.

Meditação

Que grande desdita é sair deste mundo sem estar preparado

Primeiro ponto

Considera quanto espanto, quanta turbação, quanta desesperação será a de uma alma no momento em que se vir citada a comparecer ante o tribunal de Deus, quando não esperava que viesse tão cedo o soberano Juiz. Não está prevenida, e tem sobre si o amo; não está prevenida, e é

preciso dar as contas; não está prevenida, e é forçoso ser julgada. O passado, o presente, o futuro, tudo a espanta, tudo a atemoriza. Oh, que coisa tão horrível achar-se no momento decisivo de sua sorte eterna com tantos motivos para temer!

Achava-se uma pessoa em idade em que podia prometer-se um ano ao menos para prevenir-se. Uma juventude florida, uma saúde robusta podiam ser fiadores deste imaginado tempo; davam-nos também seguranças tão positivas de que convaleceríamos logo daquela enfermidade. Mas Deus não consulta nosso parecer sobre o número de nossos dias. Basta-lhe termo-nos advertido que virá pedir-nos conta de nossa administração quando menos o pensarmos. Que imprudência aguardar para dispor as contas àquela hora crítica! Mas que desgraça não tê-las prevenidas naquela hora! Não se remete nossa causa para outra audiência; já não há mais misericórdia, não há mais indulgência, não há mais dilação.

Aqueles pecados graves não confessados, aquelas reconciliações, aquelas restituições diferidas, aqueles projetos de conversão, aquelas tramas de nova vida sempre dilatadas, aqueles piedosos movimentos sufocados, aquelas inspirações da graça mal atendidas; tudo isso se representa de tropel, para sufocar, para despedaçar, para desesperar a pobre alma com mil remorsos.

Haverá então valor para dizer que não se teve tempo? Pois quê, tantos dias lastimosamente perdidos, tantos anos miseravelmente empregados em fabricar quimeras não foram o tempo que Deus nos deu para esperá-lo e para dispor-nos a recebê-lo? Tivemos este tempo e o empregamos em tudo o mais que não nos importava; tivemos este tempo e o malogramos: quem teve a culpa? Pede-me Deus estreita conta de tantos talentos enterrados, de tantos preceitos não obedecidos, de tantos conselhos desprezados; acho-me numa terrível confusão; nada está preparado, não tenho razões que alegar nem satisfações que produzir; e será bem recebida a desculpa: não tive tempo de pensar nisso?

Segundo ponto

Considera com que inquietações se vive quando se tem entre mãos um pleito de grande consequência. O desejo de ganhá-lo e o medo de perdê-lo ocupam inteiramente o coração e a memória. Consulta-se, escreve-se, solicita-se, tomam-se infinitas precauções; estudam-se todos os passos da parte contrária; prepara-se para responder a todas as suas razões; previnem-se suas demandas; medita-se o que se há de dizer; e com quanto desassossego, meu Deus, passam-se os dias e as noites se se dilata a sentença!

Pendente temos todos um grande pleito que está para sentenciar-se. Jamais houve nem pode haver outro mais delicado nem mais importante; de sua decisão pende minha sorte eterna. O dia do juízo que deve decidir de tudo ignoro-o absolutamente; só me têm muito avisado que esteja bem prevenido para responder a todos os artigos sobre que me hão de tomar a confissão: graças, talentos, empregos, anos, dias, horas destes dias e momentos destas horas, tudo há de ser examinado, tudo há de ser julgado com extremada severidade. E não se pensa nisto! E sem haver pensado jamais bem nisso, espera-se que venha o juiz, comparece-se ante seu tribunal! Ele não dá aviso de sua vinda até que já está em casa. Que turbação, bom Deus, que espanto, que dor, que

raiva, ser citado ante o tribunal de Deus para dar minhas contas e não tê-las ajustadas! Ser citado ante o tribunal de Deus e não ter com que justificar tantos cargos de que me acusa minha própria consciência e não haver feito nada para captar a benevolência de meu juiz! Minha fé, minha religião, minha mesma razão fazem o processo contra mim. Vejo claramente que não posso ganhá-lo; e trata-se nele de nada menos que de minha sorte eterna!

Compreende, se é possível, os sobressaltos, as angústias, o desconsolo que causa naquele fatal momento o ver-se apanhado de repente. Ah, se ao menos tivesse agora o triste consolo de não haver tido tempo; mas, desditoso de mim, que o tive! Se houvesse ignorado ao menos o perigo de ser apanhado de surpresa; mas, infeliz de mim, que o soube! Se ao menos jamais houvesse pensado nas funestas consequências desta falta de atenção e de previsão; mas, miserável de mim, que muitas vezes a considerei e as tinha bem previstas; mas tudo isto sem fruto!

Ó meu Deus, e quão prudentes foram os santos em ter sempre nas mãos as lâmpadas acesas! Quão ditoso foi Santo Abraão em haver passado cinquenta anos no deserto sem pensar em outra coisa que naquele momento decisivo, para que não o apanhasse de improviso a vinda do soberano Juiz! Será possível, Senhor, que ainda depois destas reflexões tenha eu a desgraça de ser surpreendido da morte! Não permitais, Senhor, que seja ineficaz a resolução que tomo neste mesmo ponto. Não haverá dia, não haverá hora em todas as que me derdes de vida que não pense neste derradeiro momento.

Jaculatórias

> *Ne revoces me in dimidio dierum meorum.* Sl 101.

Não me chameis, Senhor, à metade da carreira de minha vida, para que não seja apanhado de repente.

> *Si oblitus fuero tui, Jerusalem, oblivioni detur dextera mea.* Sl 136.

Que se resseque, que se me inutilize minha mão direita, se me esquecer jamais de ti, ó celestial Jerusalém.

Propósitos

1. Que se dirá de um que, tendo pendente um pleito da maior consequência e em termos já de sentenciar-se, não pensasse sequer nele; e, em lugar de informar os juízes, solicitá-los e dispor-se

para responder, passasse os dias em jogos e em diversões, sem ocupar-se mais que em frivolidades? Pois não nos portamos nós com mais juízo nem com maior prudência. Que coisa tão horrível ser surpreendidos da morte depois de termos sido cem vezes advertidos de que o havíamos de ser! Não difiras um ponto o dispor todas as coisas. Não quererias comparecer ante o tribunal de Deus da maneira que agora te achas; julgas acaso que comparecerás com melhor disposição? Vivendo como vives, tens grande fundamento para persuadir-te de que morrerás tranquilamente? Não dês ouvidos a esse espírito que te persuade a que dilates para outro tempo uma conversão, uma reforma que muitos anos há devia estar feita. Tens que reconciliar-te com algum inimigo teu? Tens que ajustar algumas contas, que pagar alguns salários, que fazer algumas restituições? Pois já se te havia advertido que não dilatasses para outro tempo o que jamais se difere sem muito perigo. Tudo se havia resolvido, e tudo está ainda sem fazer. Desta maneira zomba o homem de sua própria ingenuidade toda a vida. Não queiras ser por mais tempo o joguete de tuas irresoluções; olha que o negócio é de grande consequência. Busca hoje mesmo um confessor zeloso e prudente e consulta com ele o que hás de fazer para dispor-te a comparecer ante o tribunal de Deus.

2. Faze conta de que cada dia é o último de tua vida; e ao começá-lo pensa que talvez não o acabarás. É uma devoção muito santa e proveitosa acabar todos os dias a oração da manhã e da noite com o ato de contrição e com o salmo *De profundis*, aplicando esta oração por ti e por outros. São Paulo considerava-se como se estivesse para morrer cada dia: *Quotidie morior* [^1]. Sempre que Santa Teresa ouvia alguma hora do relógio, dizia a si mesma: Uma hora menos falta para que chegue meu divino esposo. Enfim, faze desde este mesmo ponto que os negócios de tua consciência estejam em tão bom estado, procura que estejam tão bem ajustadas tuas contas que, depois da Ave-Maria que rezarás quando soe alguma hora, possas acrescentar por jaculatória aquelas belas palavras do Profeta [^2]: *Paratum cor meum, Deus, paratum cor meum.* Meu coração está aparelhado, Senhor, meu coração está aparelhado; a qualquer hora vos espero. *Beatus ille servus, quem, cum venerit Dominus ejus, invenerit sic facientem* [^3]. Bem-aventurado o servo a quem o Senhor achar à sua chegada no exercício desta prática de piedade.

Resolve-te desde hoje a ser este servo vigilante e fiel. Por muito que se tenha adiantado no caminho da perfeição, sempre são muito convenientes estas piedosas devoções para evitar a tibieza e para acender o fervor. A inconstância ou o esquecimento destas piedosas indústrias debilitam a mais fervorosa vontade e ocasionam o tédio ou o desgosto. Não te desalentes, porque o inimigo de nossa salvação se aproveita muitas vezes de nossa covardia. Esqueceste ou desprezaste a maior parte destas pequenas devoções? Pois nem por isso desmaies; renova teu propósito; pede ao Senhor novos auxílios; repete cada dia e cada hora: *Ego dixi, nunc cœpi*, eu disse, agora começo. Esta perseverança em querer sempre está acompanhada de muito fruto.

[^1]: 1 Cor 15. [^2]: Sl 50. [^3]: Mt 24.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:46:04 by Admin
Updated 20 November 2026 20:46:04 by Admin